



# O bom baidiano

Por: Vanda Maria Mendonça Imagens: divulgação

Nascido no dia do santo casamenteiro, Antonio Caramelo herdou dele o nome; da família vieram a fé e o sonho de ser arquiteto.

Ao envergar uma impecável roupa branca, o entrevistado obriga a uma pergunta óbvia por essa preferência de cor. "Foi uma promessa que fiz quando minha filha nasceu, com icterícia pré-natal, com bilirrubina, sei lá que coisa... Ela tinha tantos *inas* e *binas*, que eu disse: meu Deus do céu... Minha mulher, que fez muitos tratamentos para poder engravidar após seis anos de casamento, chorava muito, achando que a menina não ia sobreviver". Além de instalar na residência um equipamento similar ao do hospital para a pequena Mila, Caramelo também pediu uma ajudinha para Deus. "Tinha que ser uma coisa difícil, pois promessa fácil não vale; prometi usar branco pelo resto da minha vida às sextas-feiras. Há 30 anos visto branco. Nunca deixei de usar, e já tirei mala de avião, ameacei não continuar viagem, já comprei roupa em aeroporto... fiz cada coisa que qualquer um duvida", diverte-se. A fé não surgiu nesse momento de dificuldade: remonta à própria família. "Como nasci no dia do santo de devoção de minha avó materna, ela me deu uma estátua de Santo Antônio, que guardo comigo até hoje. Estudei no Colégio São Bento por quatro anos e aos sete já era coroinha em uma igreja da Barra". Aos 16 para 17 anos, eclodiu um adolescente rebelde, que questionou o catolicismo. "Comecei a duvidar de uma série de coisas e a negar o Antigo Testamento. Achava que não precisava matar bicho, fazer sacrifícios. Fulano era santo, mas ia para a guerra e matava não sei quantos... umas coisas que não entravam na minha cabeça". O desencanto o levou a conhecer o candomblé, a Igreja Batista e a umbanda, para depois retornar ao catolicismo e,

finalmente, desembarcar no espiritismo de Alan Kardec. "Descobri que tem muita coisa que a experiência espírita justifica e em que a Igreja Católica fica aquém. E eu comecei a crer em muita coisa dentro dessa linha, de forma que hoje sou uma pessoa que crê nos evangelhos e no espiritismo; nunca os neguei".

#### Sonhos de zinco

"Você não se torna arquiteto nem aprende a ser arquiteto; você nasce arquiteto", afirma Antonio Caramelo. Para ele, "a arquitetura é uma vocação, nasce com você". Esse chamamento veio na infância, no sítio pertencente à família. O avô tinha um depósito de materiais de construção e usava o grande terreno residencial para guardar a carroça puxada por mulas (então o caminhão de entregas) e, se necessário, alguns materiais. "Eu ficava impressionadíssimo com aquilo tudo e tentava construir alguma coisa; empilhava os tijolos, botava as madeiras em cima e cobria com folhas de zinco; quando chovia, ficava debaixo, imaginando que ali era a minha casa. Devia ter uns seis anos e já queria inclinar as madeiras, buscar outro formato para as folhas de zinco; enfim, eu praticava a minha arquitetura". Outra experiência em família foi a pintura, por inspiração de uma tia. "Ganhei o primeiro lugar em um concurso no colégio São Bento, e pude expor a obra na galeria de uma senhora francesa; pois não é que o quadro foi vendido? Fiquei entusiasmado e comecei a pintar, mandando mais quadros para essa galeria. Por um tempo, pensei até que fosse viver de pintura, que fosse virar artista".



O início não foi exatamente “macio”. Antonio queria muito trabalhar com arquitetura e, logo após ingressar na faculdade, encontrou um velho conhecido em uma loja especializada em materiais para o segmento. Na troca de informações, ficou sabendo que o desenhista dessa firma estava se desligando e implorou ao jovem amigo que o apresentasse como candidato à vaga em aberto. “Nem sabia de que lado colocar uma régua T, mas fiquei alucinado diante dessa possibilidade”. Assim, tratou de pleitear a vaga para o futuro patrão, Ronald Lago. Os jargões técnicos, ele poderia recolher das conversas do arquiteto Fernando Mendes junto ao balcão do estabelecimento de seu pai. O passo seguinte seria convencer o interlocutor de sua capacidade – e não hesitou em mentir, dizendo que sabia desenhar e que, para ocupar a vaga, precisaria de uns dez dias. “Disse que não queria prejudicar o escritório onde trabalhava, saindo abruptamente sem terminar o que estava fazendo. Veja como é o discurso de quem sabe vender: na verdade, eu queria tempo para aprender o que iria fazer lá, e o convenci a me esperar”. “Liguei para João Campos, que já desenhava em um escritório de arquitetura, e contei o que inventei, dizendo que tinha uma semana pra aprender a desenhar e a usar um normógrafo”. O amigo o orientou a comprar canetas especiais, prancheta e muito, mas muito papel manteiga, além de lhe levar o equipamento (usado para ampliar plantas), mas pediu que Caramelo ficasse só no desenho. “Com quatro dias, eu já dominava tudo, inclusive o normógrafo”. Voltou ao escritório antes do prazo solicitado, já com a condição de “dormir” no trabalho – o preço por abandonar a carreira paterna. “Dormi uns dois anos debaixo da mesa do Ronald Lago, e o tapete era o lugar mais macio que encontrei”, conta. Ao concluir o primeiro trabalho, sede de um banco de Minas Gerais projetado pelo engenheiro Becker, Caramelo ouviu de Lago um “*não tá ruim*”, que acendeu sua luz de emergência. O novato interrompeu o chefe com uma providencial resposta pronta: “Cada escritório tem uma sistemática de desenho, um estilo; pode ficar tranquilo que, vendo algumas plantas suas, pego o seu estilo para fazer exatamente dentro de sua linha” (risos). A então namorada de adolescência o acompanhava nessa missão e compartilhava com ele o passeio aos domingos pelas lojas de rua do comércio local. “No fim da tarde, dividíamos um sanduíche com guaraná”. As economias compensaram: depois do terceiro ano, Ronald Lago inaugurou uma nova sede. “Comprei a sala dele; desenhava

de dia pra ele e de noite pra mim, e quase nem dormia, quase desmaiava na prancheta”. Tornou-se o principal profissional do escritório, onde pôde aprender com o chefe, um grande detalhista. Depois de alguns anos, passou à carreira solo e uns clientes grandes de Ronald Lago começaram a procurá-lo para cotar obras e projetos. “Eu o informei – era uma questão de lealdade – e ele me propôs que voltasse, desta vez como sócio de uma construtora. Ficamos nesse modelo por mais um tempo, mas meu negócio era a arquitetura. Particpei de concursos, ganhei alguns e a coisa foi se avolumando, não teve jeito. Arranjei uma pessoa para assinar por ele como responsável pelas obras e fui para meu escritório. Somos muito amigos, gosto muito dele”. Atualmente, a Antonio Caramelo faz projetos para incorporação e tem hoje 49 empreendimentos grandes, absorvendo 30 pessoas só na área de arquitetura. “Nenhum dorme debaixo da mesa”, avisa. Ele acaba de conquistar o quarto prêmio como *Arquiteto do Ano* pela ADEMI-BA (Associação dos Dirigentes das Empresas do Mercado Imobiliário), mas não se incomoda com a fama. “Pra mim, é como se fosse a primeira vez que ganho um prêmio; estou começando sempre, e amo o que faço”. Caramelo teve na companhia uma grande aliada e cúmplice, que o compreendeu mesmo quando ele precisou ficar 11 dias seguidos no escritório. “Foi quando, para vencer um concurso, precisei apresentar o projeto várias vezes, pois fizeram um complô para me derrubar”, conta. Por isso, definiu que só se casaria quando tivesse seu próprio escritório e a sua casa. “Pouco antes de nos casarmos, eu a chamei para uma conversa séria e disse que tinha uma amante. Ela ficou chateada e quis saber o nome da moça. Eu respondi: ‘Arquitetura’. Esta será, seguramente, a pior das rivais que você terá”, alertei. A arquitetura que o inspira e o mantém vivo para começar todos os dias está em todos os lugares. “Se você olhar com os olhos de arquiteto, perceberá que o mundo todo está conversando com você por meio das coisas que você vê. Só não vê se não quiser. Então, estou com os olhos abertos para o mundo, o tempo todo”. ●

## ficha técnica ++

**Arquiteto:** Norman Foster

**Designer:** Philippe Starck

**Prato:** uma feijoada completa

**Cor:** laranja

**Aventura:** viagem a Machu Picchu

**Cidade:** Veneza

**Um desejo:** “adoraria ver a AsBEA representando arquitetos no Brasil todo como entidade respeitada e considerada por todos da área”.

